

a

INTEMPORALIDADE DO
“MANUAL DE VOGAL SEM
MESTRE” PARA CANIÇO DE
LOURENÇO MARQUES, DE
PANCHO GUEDES

RESUMO

Amâncio Miranda Guedes é seguramente um dos arquitectos mais premiados por sua obra em África particularmente em Moçambique. De formação anglo-saxónica, com espírito irreverente como testemunha sua arquitectura, teve fortes ligações ao *Team Ten* em 1960, sendo um dos arquitectos com obras e projectos publicados na Europa, nos Estados Unidos e na África do Sul, onde foi professor.

Participou em vários eventos no mundo da arquitectura destacando-se na Bienal de São Paulo em 1961, tendo ficado conhecidas obras como, *O leão que ri* e a *Casa avião*.

No entanto é quase desconhecida sua visão da cidade, da então Lourenço Marques, tendo sido crítico desconcertante do quadro urbanístico vigente, de matriz colonial, que ignorava a ocupação peri-urbana espontânea, denominada de Caniço, que corresponde hoje a cerca de 2/3 da cidade de Maputo.

Este “manifesto” de 1963, para além de visualizar ironicamente o futuro crescimento da cidade é um texto instaurador comportando uma certa intemporalidade, constituindo potencialmente um referencial temporal, para cidades que apresentam ocupações com características semelhantes que poderemos referir o Muceque de Luanda ou mesmo as favelas do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Manifesto, periferia, doença, terapêutica, brigadas, auto-resolução.

LA INTEMPORALIDAD DEL
“MANUAL DEL VOCAL SIN
MAESTRO” PARA EL ARRABAL DE
LOURENÇO MARQUES, DE
PANCHO GUEDES

RESUMEN

Amâncio Miranda Guedes es seguramente uno de los arquitectos más premiados por su obra en África, particularmente en Mozambique. De formación anglo-sajónica, con espíritu irreverente como testigo de su arquitectura, ha tenido fuertes relaciones con el *Team ten* en 1960, siendo uno de los arquitectos con obras y proyectos publicados en Europa, Estados Unidos y Sudáfrica, donde fue profesor. Participó en varios eventos en el mundo de la arquitectura, destacándose la Bienal de São Paulo en 1961, donde quedaron conocidas obras tales como *El león que se ríe* y la *Casa avión*. Entretanto es casi desconocida su visión de la ciudad, de la entonces Lourenço Marques, habiendo sido crítico desconcertante del cuadro urbanístico vigente, de matriz colonial, que ignoraba la ocupación periurbana espontánea, denominada de “Caniço” (arrabal, villa miseria), que corresponde hoy a cerca de 2/3 de la ciudad de Maputo. Este “manifiesto” de 1963, además de visualizar irónicamente el futuro crecimiento de la ciudad, es un texto instaurador comportando una cierta intemporalidad, constituyendo potencialmente un referencial temporal, para ciudades que presentan ocupaciones con características semejantes, como el “muceque” de Luanda o las favelas de Rio de Janeiro.

PALABRAS CLAVE

Manifiesto, periferia, enfermedad, terapéutica, brigadas, autorresolución.

THE PERENNIAL NATURE OF
“MANUAL DE VOGAL SEM MESTRE”
FOR LOURENÇO MARQUES’
OUTSKIRTS (*CANIÇO*), BY PANCHO
GUEDES

ABSTRACT

Amâncio Moura Guedes is undoubtedly one of the most lauded architects for his work in Africa, particularly in Mozambique. Of Anglo-Saxon training and irreverent spirit, as witnessed by his architecture, he had strong associations with the *Team Ten* in 1960, becoming an architect whose works and projects were published in Europe, in the United States, and in South Africa, where he taught.

He attended various events in the architectural world, among them the 1961 São Paulo Biennial. Works such as *The laughing lion* and the *Aircraft house* became especially well known.

However, his vision of the city then called Lourenço Marques is almost unknown. He was a disconcerting critic of the existing colonial-based urban framework, which disregarded the spontaneous peri-urban settlements known as “Caníço”, which today correspond to nearly two thirds of the city of Maputo. This 1963 “manifesto” not only provides an ironic view of the city’s future growth but is also a seminal and even timeless text. To some extent, it is a temporal reference for settlements similar to those found today in Luanda’s “*muceque*” or even Rio de Janeiro’s slums.

KEY WORDS

Manifesto, outskirts, illness, therapeutic, brigade, self-resolution.

O problema das áreas periféricas das cidades africanas tem constituído uma temática de debate constante no presente, tendo sido objecto de estudos, este habitat informal, traduz todo um processo paradigmático de ocupação espontânea, que os países colonizadores não resolveram, arrastando-se para o universo urbanístico de hoje, com maior dimensão, e sem perspectivas de resolução a curto ou médio prazos, constituindo o Muceque de Luanda e Caniço de Maputo um exemplo. Assumidos como o outro lado da cidade, são a expressão física da população negra sem meios e não quantificada, que num processo de auto-construção se instala de forma marginal e espontânea em confronto com a cidade de raiz colonial, detentora de regras próprias¹, correspondendo a novas centralidades.

Durante o início do século 20 assistiu-se ao assentamento urbano de países africanos de expressão Lusófona como Angola e Moçambique que constituíram o então o novo Portugal, consolidando-se com um urbanismo próprio e portadores de uma arquitectura impar como na Metrópole não foi possível.

Numa primeira fase que teve início no último quartel do século 19 até aos anos 20, são implementados projectos de autênticas estratégias de apropriação do território, no qual tiveram protagonismo engenheiros militares, que se evidenciaram em simultâneo pelas intervenções no meio urbano, tratando-se de uma autêntica romanização de produção de infra-estruturas: vias, portos e caminhos de ferro². Foi impulsor o então político e ministro Andrade Corvo³ também ele formado em engenharia na Escola do Exército é incumbido de uma autêntica missão civilizadora em África, delegando em engenheiros militares como Joaquim José Machado e António José Araújo⁴ numa nova lógica de políticos, gestores e promotores de infraestruturas territoriais.

Esta lógica de fundação reflectia a atitude que se passava em Lisboa, nomeadamente da expansão das Avenidas Novas de Ressano Garcia (1894), onde o processo de ocupação tinha como instrumento privilegiado a “prática do traçado”, institui-se como um “sistema portante” na organização espacial do território urbano, que ultrapassou o processo do primeiro sinal de ocupação portuguesa como se verificou em Luanda e Maputo sob forma de fortaleza/presídio, passando do acto para o facto urbano, geradora de uma urbanidade a partir dos anos 30 com o afirmar da imagem do Império Português, que se explicitou na edificação de monumentos e equipamentos inaugurados ao sabor de algumas viagens presidenciais. Posteriormente estes foram marcados por um conjunto de primeiras obras de referência, que ocupavam estrategicamente o tecido urbano em vias de consolidação, cuja expressão arquitectónica reflecte o melhor da arquitectura da metrópole (numa óptica de arquitectura modernista), incluindo basicamente escolas, hospitais, infraestruturas e aeroportos.

No decorrer dos anos 40 e em particular 50, são consolidados processos de assentamento das grandes infraestruturas, que, para além dos colonatos agrícolas surgiram intenções muito claras de urbanizar o território Além Mar Português em África traduzindo-se numa segunda etapa de concretização de

(1) Reportamo-nos ao recente estudo de *Um olhar para o habitat informal Moçambicano de Lichinga a Maputo* de Júlio Carrilho, Sandro Bruschi, Carlos Menezes e Luís Lage publicado pela Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico de Maputo 2001.

(2) MORAIS, João Sousa, *Património da estrutura e forma urbana topologia do lugar*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p. 29 a 31.

(3) João de Andrade Corvo 1824-1890. Político, estadista, cientista romancista e poeta, foi ministro dos Negócios Estrangeiros, tendo a sua acção sido pautada pela convicção de que “*uma boa política estrangeira é literalmente a melhor defesa de um Estado*” (Perigos 1870).

(4) Notabilizou-se em campanhas de obras públicas em Angola e Moçambique, tendo acumulado a função de governador, no curso de Moçambique com impulsor de obras públicas. MORAIS, João Sousa, obra. cit. p. 41.

infraestruturas, correspondendo a um período de planeamento urbanístico, embora com uma visão limitada aos núcleos urbanos preexistentes, sem contextualização à região. Instituindo-se o desenho urbano como uma forma de abordagem, tendo como protagonistas uma nova geração de arquitectos, denominada como “geração do Congresso Nacional de Arquitectura de 1948”⁵.

Tendo como égide o engenheiro Duarte Pacheco, consolida-se o Planeamento Urbano⁶, traduzindo-se na figura dos denominados Planos Gerais de Urbanização. O Gabinete de Urbanização Colonial funcionou como responsável e dinamizador através do seu principal protagonista o arquitecto João Aguiar, cuja produção e intervenção ultrapassou todas as expectativas, traduzindo-se em numerosos exemplos como Nova Lisboa, Quelimane, Sá da Bandeira, Lobito, Luanda, Moçamedes em Angola ou Lourenço Marques, Beira, Tete, em Moçambique.

Este modelo integracionista acabou por ser interpretado por João Aguiar⁷, que paradoxalmente resultou de uma terceira geração moderna dos arquitectos portugueses⁸, acabando por submergir na linguagem arquitectónica do Estado Novo. A ausência de uma teoria verdadeiramente sustentada é substituída pela explicitação de um modelo de habitação indígena⁹ que foi materializado em várias intervenções como são exemplos a Companhia dos Diamantes, a Sociedade Agrícola do Cassequel e a Companhia Angolana de Agricultura.

Aguiar foi protagonista de uma parca manualística sobre a organização das comunidades indígenas, traduzindo-se numa dualidade europeus/indígenas cujo entendimento se centra no desenho de bairros com a tipologia de habitação unifamiliar, à semelhança da primeira geração dos Bairros Sociais de Lisboa, que pretendem traduzir um microcosmo de ruralidade no tecido urbano preexistente. Esta atitude representava um paradoxo por conferir uma habitação a cada autóctone numa óptica de pseudo urbanidade social, apenas de vizinhança com os bairros de europeus:

“A comunidade urbana indígena deve estar o mais perto possível do núcleo urbano, i.e., próximo das zonas de trabalho, onde os acessos sejam fáceis. A separação entre os dois agregados urbanos deve ser estabelecida de uma maneira clara, seja por meio de um acidente topográfico, seja por uma cortina verde. Deve abandonar-se a ideia de que por falta de higiene os bairros indígenas devem estar o mais longe possível da comunidade europeia[...] O indígena não possui nenhum meio de transporte; anda habitualmente a pé. A bicicleta ainda não está suficientemente implantada. Na situação actual, a nível económico, não há lugar para prever que eles possam ter outros meios além da bicicleta e os transportes comuns; e graças às medidas a adoptar no futuro podemos cessar de considerar estes últimos como um factor importante na resolução do problema da urbanização da Unidade.”¹⁰

Os testemunhos escritos de Aguiar são parcos e centram-se fundamentalmente na comunicação efectuada no XXI Congresso da Fédération Internationale de l’habitation dans les pays tropicaux traduzindo-se num quadro de tipologia edificatória que percorreu desde o edificado excepcional, como o

(5) FRANÇA, José Augusto. 1974, p. 433-456 cit. FERNANDES, José Manuel. *Geração africana, arquitectura e cidades em Angola e Moçambique*, 1925-75. Livros Horizontes, Lisboa 2001.

(6) LOBO, Margarida Sousa. *Planos de Urbanização – A Época de Duarte Pacheco*. Porto, DGOTDU – FAUP, 1995.

(7) É um dos arquitectos da lista de eleição do então ministro de Obras Públicas e governo de Salazar. Nos anos 40 Aguiar é o urbanista da quase totalidade das capitais de Distrito de Portugal. MORAIS, João Sousa. O Urbanismo do Estado Novo em África a charneira para um novo desenvolvimento urbano, *Arquitectura e Vida*, maio 2002.

(8) FERNANDES, José Manuel, obra cit. p. 433-456.

(9) AGUIAR, João António de. “L’Habitation dans les pays Tropicaux “ Fédération Internationale de L’ Habitation et de L’ Urbanisme XXI et vie Congrès, Lisbonne 1952.

(10) Obra cit.

equipamento às habitações, quer para europeus como para “indígenas”. Esta política urbana correspondia efectivamente à criação de bairros sociais para os autóctones bem diferente será aquela posteriormente preconizada pelo professor Adriano Moreira cuja perspectiva apontaria por um primeiro ensaio de inclusão social, recorrendo a bairros pilotos.

É no entanto com a publicação do diploma de 6 de dezembro de 1944, como professor Marcelo Caetano como ministro das Colónias, que foi manifestada urgência de estudar e acompanhar a formação e desenvolvimento dos aglomerados populacionais nas colónias, de modo a aproveitar os ensinamentos urbanísticos, evitando por vezes os erros, por vezes irremediáveis, de um crescimento ao acaso¹¹ acabando esta política “pseudo integracionista” por corresponder à figura caricata do “bairro indígena” assistindo-se a partir dos anos 60 ao engrossamento das periferias das grandes cidades.

Posteriormente a ideia do bairro indígena acaba por ser questionada e mesmo posta de parte, pois uma *“vez feita a passagem do estado ‘indigenato’ a ‘cidadania’ estar-se-ia perante casos com todas as aparências de segregação natural. As ‘comunidades’ mistas referidas, em que entendemos se deverá estruturar a cidade, para terem realidade e coerência deverão coincidir com a: menor divisão administrativa (a freguesia): a menor divisão religiosa (a paróquia): deverão ainda corresponder ao sector urbano, isto é a unidade urbana, auto-suficiente para certas modalidades de vida social e de equipamento”*¹².

Este novo modelo traduz-se num discurso que (re)desenha a nova cidade com um detalhe de uma casa, autonomizando-a dos subúrbios, havendo uma primeira preocupação não resolvida de assimilação dos autóctones aliada às novas políticas de urbanismo, cujo modelo de ocupação reflecte uma atitude “dita integracionista” de implementação de núcleos urbanos, que traduz posteriormente uma intenção de *“política de convívio e desenvolvimento das comunidades pluriraciais (que mediante a orientação do Prof. Dr. Adriano Moreira) mas que agora organizada e bem estruturadas unidades de vizinhança poderá dar exemplos extraordinários na nossa solidariedade humana dentro de um bem organizado núcleo urbano”*¹³, os laços de solidariedade e de convívio entre as diferentes classes sociais devem-se dar ainda por uma bem organizada distribuição de habitações, onde se estuda convenientemente o melhor processo de uma eficaz assimilação.

Neste último caso institui-se até a designação da cidade de Cimento e o Caniço, correspondendo a duas entidades urbanas, perfeitamente distintas que nos anos 60 se assumiam como uma dor de cabeça para o então regime.

Dos diferentes arquitectos portugueses que tiveram uma atitude crítica sobre este problema evidencia-se a personagem de Amâncio Miranda Guedes.

Amâncio d’Apoim Miranda Guedes, Pancho Guedes entre colegas, de formação anglo-saxónica, possui uma leitura da arquitectura da cidade próxima do *Team Ten*, questionando os então valores e práticas urbanísticas moçambicanas. Evidenciando no 1º Congresso de Cultura Africana com a sua prelecção “dadaísta”, subvertia as ideias do regime em matéria do planeamento urbano, tendo tomado contacto directo com a realidade das cidades de Lourenço Marques onde trabalhou no município, questionando vivamente o estatuto segregacionista do Caniço.

(11) OLIVEIRA, Mário. *Problemas essenciais do Urbanismo no Ultramar, Estruturas Urbanas de integração e conveniência*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1962.

(12) Idem, obra citada.

(13) Colóquio sobre Urbanismo (1961), p. 217 e 218.

É então que em 1963 publica na Imprensa Moçambicana (“A Tribuna”) sob o título *Manual de Alfabetização do Vogal sem Mestre* iniciando com a seguinte citação:

“Várias receitas para curar o mal do Caniço e o Manual do Vogal sem Mestre.

Senmut, o egípcio, fez o que lhe mandaram fazer; uma casa de granito para a rainha sozinha e morta.

Serão os filhos de Senmut hoje incapazes de fazer aquilo que lhes pede que lhe façam: espaços habitáveis para os milhões que vivem, mas já não são mais capazes de fazer as suas próprias casas com barro e com as mãos, não mais forçados a arrastar granito.

Aldo van Eyck

Arquitecto às vezes na Cidade muito velha de Amesterdão.

O Cinto do Caniço

Formando um cinto imenso à roda da Cidade existe uma outra cidade aonde vive muita gente do que toda a gente dá.

Ninguém sabe bem ao certo quanta gente há nessa outra cidade de caminhos de areia - uns dizem 150 000, outros 300 000. Dentro de alguns anos serão 600 000, talvez 1 000 000 de gente. Essa gente toda vive sem esgotos, sem água, sem luz.

As suas casas são barracas precárias de zinco velho, lata, caixotes e caniço, à noite é perigoso passar nos corredores e labirintos de acesso.

Memória curta e vagamente comentada de grandes trabalhos municipais

Fizeram-se os Cronistas no Sommerchild. Nos Cronistas moram agora 1092 patrões e 410 criados em 273 fogos de vários estilos.

As ruas são estreitas, os terrenos são compridos, as casas são pequenas com a excepção do paredão Buccellato que é grande, pobre e feio demais. Cada casa tem uma teia de fios de vozes e correntes. Os cronistas são as amas de glória da urbanização de vai e vem.

Quanto é que nos custa a nós todos o fazer cidades Jardins à Cronistas?

Será só 100.000\$00 por fogo?

As cidades jardins são brincadeiras de gente rica em estados ricos.

Fez-se a encosta da praia para quem passa e quem está ver o mar de alto e o acompanhamento dos turistas ficou escondido no mato, com cantinas onduladas á entrada.

Fez se a volta da Ponta Vermelha com passeios simétricos e bombas de gasolina nas pontas.

Fez-se a pistas para a Costa do Sol - dizem que só custou 9.000.000\$00.

Foi para chegarmos de dia depressa aos camarões e de noite nos encadearmos uns aos outros. A pista é para o futuro - para quando o aeroporto mudar para aqueles lados.

Asfaltaram-se as ruas que faltavam na Carreira de Tiro e fez-se a Craveiro Lopes, depressa, para entrar o Presidente.

Fizeram-se os esgotos a descarregar na praia.

Estamos agora no final do desarranjo da Pinheiro Chagas (a conta desta primeira fase é coisa para 7.000.000\$00 - o compor do desarranjo custará pelo menos outro tanto) e no cinto do caniço fizeram-se 5 chafarizes monumentais.

A cidade na sala de reanimação

A Cidade dispõe de duas zonas centrais que graças às suas acidentadas topografias não puderam ser digeridas nas várias aventuras de terrenos. São a encosta da Malanga e a barreira da Ponta Vermelha sob o Hotel Cardoso. Infelizmente no prolongamento da encosta da Malanga começou-se a construir recentemente no género especulação urbanizada.

A consolidação das duas zonas e a abertura de acessos permitira construir dois centros habitacionais de grande densidade que comportarão uma pequena parte de habitantes da cidade do caniço que trabalha na cidade central, no porto, na Polana e na zona industrial do 1º de Maio.

Tal solução trará para próximo do local de trabalho muita gente que hoje passa uma larga parte do dia e da noite em andanças sem fim - irá facultar a toda essa gente e às suas famílias o uso da Cidade central, a utilização das suas funções culturais, recreativas e sociais; permitir-lhes-á um acesso fácil aos liceus e escolas nocturnas e simultaneamente revitalizará a cidade baixa.

Tal solução provocará e acelerará uma genuína integração racial.

Para que esses dois centros habitacionais aconteçam é fundamental realizar um grande número de unidades dentro da capacidade económica actual dos que nelas vão habitar - unidades alugáveis e até vendáveis em condomínio por rendas de 100\$00 a 400\$00 mensais e outras ainda de renda inferior a 100\$00. É possível fazer tais coisas, com um grandessíssimo pedaço de imaginação e o tal manual para todos os vogais.

Fogo de vista encharcado

Os sabetudos quando chegam de avião viam, lá do alto, muita gente pequena em barracas de lata à roda da cidade. Preocupados com isso entre outras preocupações) alugaram arquitectos rápidos para sonhar o sonho deles, que era que com muitas casas ia ficar tudo mesmo bem. Os arquitectos não pensaram, nem falaram - desenharam e mandaram fazer algumas casas - longe, caras e más. (Algumas quando chove são lacustres).

Graças à debilidade económica provincial só se fizeram algumas.

Pequena cena inédita de contabilidade astronómica

Para alojar 300.000 pessoas são precisos mais ou menos 75 mil fogos; para fazer 75.000 fogos são mais ou menos 3.750.000.000\$00; mais terrenos, mais água, mais luzes, mais telefones, mais ruas, mais estradas, mais avenidas - for a o resto.

Prevendo que esta parte do que falta só custa mais 25.000\$00 por fogo (os terrenos tamanho guardanapo à roda do aeroporto custam 21.000\$00 cada) a despesa sem pensar em transporte e serviços públicos fica lá para os 6.000.000.000\$00 - superior aos orçamentos e fomentos inteirinhos de um ano de Moçambique.

Mas não é uma questão de haver ou de que se acabou o dinheiro - é que resolver os problemas às casinhas é fazer da Cidade um monstro enorme e terrível. A cidade chegará a Marracuene e passará da Matola num sem fim de casinhas e aos problemas actuais serão somados outros mais graves e infinitamente mais sérios.

“Só não tem casa quem não quer” [Slogan comercial recente e indecente].

As áreas da Cidade do caniço foram em tempos concedidas a gente que sem nunca ter feito nelas até ao pouco se contentava a esperar, vendendo por rendas

anuais o direito anual a outros de construírem barracas temporárias nos seus terrenos, mas que recentemente se impacientaram com a tentação de negócios fabulosos. A cega simplicidade dos faz casas despertou os agentes de terreno que, manobrado na confusa floresta de gabinetes acolhedores, vendem futuros pesadelos mascarados de sonhos - retalham a terra à roda da cidade em proveitos astronómicos para eles - em prejuízo para toda a gente.

Só não tem casa quem não pode.

O mal da cidade do caniço é uma doença longa e cara de tratar. Daquelas que não tratam na África do sul.

A Cidade está gravemente doente.

Manual alfabetizado do Vogal sem mestre

- Preparação do doente

- a. Estudar realmente o problema e inventar maneira flexível, prática e rápida de agir. [Ser amador às quartas e as sextas não chega].

- b. Obter a colaboração do Centro dos negros, e nele, por meio de exposição, filme e conversa, explicar aos habitantes da cidade de caniço o que se pretende fazer e conseguir a sua boa vontade e colaboração.

(Toda a gente gosta de saber e de dar opiniões sobre o que lhe querem fazer).

- c. Formar brigadas de consulta e de auxílio social a serio. (Por a assistência publica mesmo a assistir).

- d. Formar brigadas de recuperação de barracas. (Remoção e reconstrução).

- e. Inventar processos rápidos para resolver estes assuntos com poucos selos, carimbos e assinaturas. (Mandar fazer um carimbo monumental com todas as assinaturas de todos os assinadores camarários, e contratar um carimbador geral).

- Primeiros curativos no cinto peritonítico.

- f. Marcar algumas ruas já várias vezes definitivas em vários planos de urbanização. (Os planos só serão verdade quando os 'bulldozers' trabalharem - até lá são papeis caros e bonitos que dantes andavam de avião).

- g. Abrir algumas ruas. Essas ruas levarão água, luz e esgotos ao interior da cidade do caniço. Levarão também 300.000 esperanças para 300.000 vidas melhoradas.

Para que não se desespere muita gente, para que os pobres não sejam terrivelmente prejudicados, cada barraca que for necessário mover será imediatamente reconstruída noutra área pelas brigadas de recuperação.

As construções são fáceis e facilmente móveis. Aos mudados será dada a opção de ocuparem as primeiras unidades nos novos centros habitacionais.

- h. Obter o consentimento da Direcção da Praça de Touros para nelas alojar temporariamente famílias cujas barracas tenham de ser mudadas. Alternativamente usar o equipamento do 'camping' da Polana.

- i. Construir pequenos centros sociais e comerciais com estações de ambulância, telefones públicos, correios, policia, sanitários e balneários públicos, algumas lojas e pequenos mercados locais. Instalar nestes centros jardins infantis do tipo abrigos - escolas elementares que à noite sirvam como centros sociais para a juventude. (Talvez fazer os centros sociais e comerciais antes das ruas,

antes de tudo - para toda a gente acreditar e ver com os olhos que tem na cara, que agora é mesmo a sério).

- j. Criar um serviço tipo agência de trabalho aonde seja possível a cada um procurar emprego e encontrá-lo com justiça, sem cunhas, sem favor.

- l. Criar um grupo de assistentes sociais que maneje os jardins infantis, centros pré-natais e estações de ambulâncias.

- Tratamento demorado (na cidade do caniço e nas encostas).

- m. Estudar projectos - tipo para realizar uma ocupação de elevada densidade. (Construir os estudos, estudar outra vez, fazer melhores estudos, construir os novos estudos).

- n. Fazer com que a maior parte das construções tenha pelo menos 3 pisos.

- o. Encorajar a actividade da Cooperativa de Construção de casas e facilitar-lhe a realização das suas obras.

- p. Requisitar e coordenar as actividades de várias pequenas indústrias relativas a construção civil. (Firmas com estaleiros de peças pré-fabricadas e pré-esforçadas com capinhalto nas passagens).

- q. Facultar, àqueles que disponham de algumas economias e aos que ofereçam garantias, empréstimos a longo prazo através das caixas económicas para a compra de habitações para ocupação própria. (Se as caixas cá do sítio não o sabem fazer - formar 'Building Societies' que o saibam).

- r. Colaborar com as companhias de seguros para lançar sistemas de seguros para lançar sistemas de seguros de vida e trabalho e reinvestir a capitalização de tais seguros na cidade de caniço em construções e em empréstimos.

- A convalescença da cidade.

- s. Estudar um plano regional para a zona de Lourenço Marques esquecendo as subdivisões artificiais administrativas. (A Matola é o outro porto da Cidade - o Benfica e a Matola-Rio são dormitórios da Cidade - a Machava são fábricas quase dentro da Cidade).

- t. Intercalar zonas industriais com zonas residenciais aproveitando as várias zonas já existentes - Estrada de Angola, Malanga, jardim Zoológico, etc. (Não fica tão bonito nas plantas mas funcionam melhor na realidade - a gente gosta de viver próximo do trabalho e andar de manchibombo é muito caro).

- u. Instalar métodos de tratamento e eliminação de lixos, compactos, eficientes e proveitosos.

- v. Tornar fácil as entradas e as saídas da cidade. (As dragas retiram todo o dia lodo da passagem no fundo da baía para que os navios cheguem aos cais no coração da Cidade. Porque é que é tão difícil entrar e sair da Cidade com os camiões, com os carros, com a gente? Uma cidade tem que girar e circular. A vida das cidades é movimento).

- x. Procurar e encontrar aquilo que a Cidade quer ser - que há-de ser um dia - uma cidade de torres, uma Cidade de plataformas para estar e morar e de canais para passar, andar e passear.

- z. Conseguir fazer da Cidade uma cidade de verdade sem perder aquilo que a cidade de caniço tem e que a outra cidade ainda nunca teve - vontade e vida de cidade.

(14) Reportamo-nos à Regra e Modelo, sobre a teoria da Arquitectura e do Urbanismo. F. Choay sobre os escritos da cidade classifica-os em duas categorias; os que enquadram o assentamento humano como um projecto a realizar e os que abordam o sujeito a nível especulativo, os primeiros são denominados de **realizadores**, enquanto os segundos privilegiam a inauguração, a paixão ou a reflexão, não visam sair de um universo escrito são os **comentadores**, (p. 23, *la règle et le modèle*).

F. Choay equaciona os textos sobre arquitectura e a cidade em duas grandes categorias: os que encaram a edificação humana como realizadores e os que se contentam em transformar essa abordagem numa matéria especulativa. Os primeiros contribuem para a produção do mundo edificado, enquanto os segundos privilegiam a imaginação, a paixão ou a reflexão, não visam sair do universo escrito. Os textos **instauradores** pertencem à primeira categoria, possuindo um carácter inaugural, movendo-se num quadro de universo da lógica. O caso do Manifesto de Pancho Guedes desenvolve-se numa **triade de premissas**: enuncia a situação ou problemática, enuncia o tempo em que se passa e enuncia o sujeito. A primeira parte do texto corresponde a um diagnóstico codificando as situações, classificando as estruturas hierarquicamente organizadas. A segunda parte é correspondente à terapêutica traduzindo a resposta aos mesmos itens, numa lógica directa e também no quadro de cruzamento, **recorrendo a taxionomias**. A situação interessante neste texto é o uso e **recurso às metáforas**, cuidadosamente usadas, também em um sistema lógico de correspondência

Continuará a cidade dividida, doente, esquizofrénica?

Continuará a cidade traída pela preguiça, estupidez e ganância dos homens, ou começará amanhã a cidade a ser casa de toda a gente?

Agitem-se os Vogais”

A. d’Alpoim Guedes

Arquitecto às vezes no sítio da cantina do Senhor Marques.

In *A TRIBUNA*, ano primeiro n. 228 Lourenço Marques, julho de 1963.

Tendo como referência Françoise Choay¹⁴, poderemos afirmar que este manifesto constitui um “texto inaugural”, que comporta uma intemporalidade resultante de uma análise lógica, e simultaneamente irónica, onde está implícito uma caricatura da cultura ocidental que não constitui modelo de produção urbana, neste caso representando aqui um modelo negativo no mundo urbano, recorrendo a quadro analógico da doença? da cidade só mais tarde equacionado por Martins Barata¹⁵ permitindo referir o seguinte:

1. O cinto do caniço, representa delimitação da abusiva espontânea, e marginal, correspondendo a uma realidade edificada em expansão não quantificada, comportando regras próprias, sem infraestruturas básicas materializado por edificações precárias que constituem dispositivos tipomorfológicos impossíveis de serem equacionados no discurso da cidade dita tradicional; a individualidade do organismo urbano.

2. Memória curta e vagamente comentada dos grandes trabalhos municipais, representa o contraponto do processo oficial (de cimento) como sucesso irónico temporal da cidade. Onde a habitação individual surge como paradigma à precariedade do caniço, funcionando o dos cronistas, como o *status* europeu, e imperturbável ao universo do caniço. É criticado o investimento de obras municipais ao nível das prioridades e da respectiva eficácia, em contraponto com o investimento do caniço retratando-se ironicamente cinco chafarizes, a municipal.

3. A cidade na Sala de Reanimação, absorve o ponto anterior tratando-se do contra poder das duas realidades urbanas em tensão patológica, apontando para uma terapêutica de produção de equipamento que se assumirá como a primeira via de reconhecimento da doença e da necessidade de equacionar uma terapêutica correspondente.

4. Fogo de vista encharcado, traduz o sentido sarcástico colonial que ignora o Caniço, ironizando o papel dos arquitectos, e em particular a sua visão. Representa o distanciamento do europeu da problemática do caniço vista ao longe com o espectro de uma paisagem ignorada, o outro lado da cidade que se pretende invisível; o distanciamento do problema de quem o pode visualizar.

5. Pequena cena Inédita de Contabilidade Astronómica. Simula a dinâmica do caniço na cidade do cimento e vejam as consequências, trata-se efectivamente da visão física do aspecto dimensional do caniço, e do peso da sua função primordial: a habitação. A quantificação dá-nos a dimensão da mancha urbana espontânea, e o levantar o véu de uma realidade ignorada de dimensão crescente que supera a cidade tradicional. a verdadeira dimensão.

6. O Manual Alfabetizado da Vogal sem Mestre absorve o ponto anterior, identifica os males e os instrumentos necessário e prescreve as grandes acções terapêuticas na dualidade notável de ironia – drama dos pontos a) a r) enquanto

aos sujeitos abordados. A situação verdadeiramente excepcional deste texto de Pancho Guedes que numa primeira leitura poderá ter o estatuto de texto comentador. Face ao seu carácter do imaginário correspondendo a um **camuflado** que lhe permitiu publicar o artigo ficando os leitores na dúvida se se tratava de uma proposta real ou imaginária.

(15) A este propósito o Estudo de M. Barata recorre à analogia entre a cidade e o organismo “*veja-se como o coração da cidade é como o coração de um animal; faz pulsar o sangue vivificador da circulação de peões e automóveis, irrigando até as menores células do corpo (células = casas). E os parques são verdadeiros pulmões da cidade, é neles que ela respira e retempera o seu organismo. A doença da cidade.* Livros Horizonte, 1977.

de s) a z) assume medidas concretas que articula no plano técnico já desprovido de ironia nas premissas de uma nova atitude perante o urbanismo dos caniços.

Em resumo podemos afirmar que:

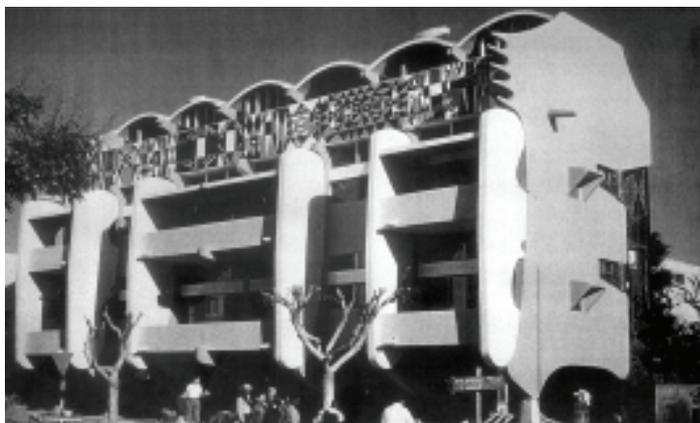
- A intemporalidade corresponde a um estatuto associado aos textos “inaugurais” ou seja é construído entre uma estrutura assente numa dialéctica da lógica, podendo a estrutura do mesmo ser reutilizada num outro contexto espacio-temporal onde o quadro apresentado das “patologias urbanas” traduz-se numa codificação das questões pertinentes, recorrendo à ironia como forma de explicitação, e chamada de atenção da opinião pública de então, bem como a terapêutica é correspondente a um receituário traduzindo uma resposta (in)temporal, mas sem a utilização de um quadro metafórico que curiosamente é em simultâneo uma dualidade de resposta ao problema de então, enquadrado nos diversos níveis de problemática, com carácter interactivo percorrendo as várias escalas urbanas.

Podemos considerar que a importância ou o carácter excepcional deste manifesto pode ser traduzido em termos sumários em três níveis:

- O facto de ser um texto instaurador, comportando naturalmente uma determinada intemporalidade que lhe é conferida pela identificação de tempo, espaço e problemática suportada numa estrutura lógica que nos faz lembrar a personagem com Leon B. Alberti.
- O facto de representar talvez um dos poucos desafios registados (embora quase desconhecidos actualmente) às práticas urbanísticas do então regime colonial que não soube e/ou não quis resolver o problema desses aglomerados.
- O facto de representar uma visão de crescimento das grandes metrópoles africanas, cujos instrumentos até final do século 20 não deram resposta eficaz.

Obs.:

Foram mantidas a grafia e a gramática do texto original, em português de Portugal.



Edifício O leão que ri
Crédito: Autor



O casal Guedes
Crédito: Autor

o a cidade doente o a cidade doente o

o MANUAL DO VOGAL SEM MESTRE

MANUAL ALFABETIZADO DO VOGAL SEM MESTRE



— Preparação do docente

- a** • Estudar realmente o problema e inventar maneira flexível, prática e rápida de agir.
(Ser amador às quartas e às sextas não chega!)
- b** • Obter a colaboração do Centro dos Negros, e nele, por meio de exposição, filme e conversa, explicar aos habitantes da cidade de caniço o que se pretende fazer e conseguir a sua boa vontade e colaboração.
(Terão a quem queira do saber e de dar opiniões sobre o que lhe querem fazer).
- c** • Formar brigadas de consulta e de auxílio social a sério
(Dê a assistência pública mesmo a assistência)
- d** • Formar brigadas de recuperação de barracas.
(Reconstrução e reconstrução)
- e** • Criar uma secção de foral e cadastro para resolver os reajustamentos e expropriações dos terrenos, as mais valias, as compensações, para fazer os levantamentos e demarcações e passar títulos.
(Nã tantos apuramencos parados nos caibis)
- e1** • Inventar processos rápidos para resolver estes assuntos com poucos selos, carimbos e assinaturas.
(Mostrar fazer um carimbo monumental em todos os estabelecimentos de todos os estabelecimentos comarcados, e construir um carimbo de cada um)

— Primeiros curativos no cinto peritonítico

- f** • Marcar algumas ruas *em várias vezes* definitivas em vários planos de urbanização.
(Os planos só serão verdade quando os «baldes» trabalharem — até lá são papéis caros e bonitos que dentro andavam de crédito)
- g** • Abrir algumas ruas. Essas ruas levarão água, luz e esgotos ao interior da cidade do caniço. Levarão também 300.000 esperanças para 300.000 vidas melhoradas.
Para que não se desespere muita gente, para que os pobres não sejam terrivelmente prejudicados, cada barraca que for necessário mover será imediatamente reconstruída noutra área pelas brigadas de recuperação. As construções são fáceis e facilmente móveis. Aos mudados será dada a opção de ocuparem as primeiras unidades nos novos centros habitacionais.
- h** • Obter o consentimento da Direcção da Praça de Touros para nelas alojar temporariamente famílias cujas barracas tenham de ser mudadas. Alternativamente usar o equipamento do camping da Polana.
- i** • Construir pequenos centros sociais e comerciais com estações de ambulância, telefones públicos, correias, policia, sanitários e balneários públicos, algumas lojas e pequenos mercados locais. Instalar nestes centros jardins infantis do tipo abrigos — escolas elementares que à noite sirvam como centros sociais para a juventude.
(Talvez fazer os centros sociais e comerciais antes das ruas, antes de tudo — para toda a gente acreditar e ver com os olhos que tem na cara, que agora é mesmo a sério)
- j** • Criar um serviço tipo agência de trabalho onde seja possível a cada um procurar emprego e encontrá-lo com justiça, sem cambas, sem favor.
- k** • Criar um grupo de assistentes sociais que maneje os jardins infantis, centros pré-natais e estações de ambulâncias.

— Tratamento demorado (na cidade do caniço e nas encostas)

- m** • Estudar projectos-tipos para realizar uma ocupação de elevada densidade.
(Controlar os estudos, estudar outra vez, criticar outra vez, fazer muitos estudos, construir os novos estudos)
- n** • Fazer com que a maior parte das construções tenha pelo menos 3 pisos.
- o** • Encorajar a actividade da Cooperativa de Construção de Casas e facilitar-lhe a realização das suas obras.
- p** • Requisitar e coordenar as actividades de várias pequenas indústrias relativas a construção civil.
(Firmar com entidades de países publicitadas e privilegiadas com crédito aos passaportes)
- q** • Facultar, àqueles que disponham de algumas economias e aos que ofereçam garantias, empréstimos a longo prazo através das caixas económicas para a compra ou realização de habitações para ocupação própria.
(Se os caixas só de não são o sabem fazer — Invasões «Solidariedade» que a solidão)
- r** • Colaborar com as companhias de seguros para lançar sistemas de seguros de vida e trabalho e re-investir a capitalização de tais seguros na cidade de caniço em construções e em empréstimos.

— A convalescência da cidade

- s** • Estudar um plano regional para a zona de Lourenço Marques esquecendo as subdivisões artificiais administrativas.
(A Motela é o eixo norte da Cidade — e Beilões e a Motela são os desvios da Cidade — e Motela são também os desvios da Cidade)
- t** • Intercalar zonas industriais com zonas residenciais aproveitando as várias zonas já existentes — Estrada de Angola, Malanga, Jardim Zoológico, etc.
(Não fica tão bonito nos planos de plano mas funcionam melhor na realidade — o que não dá a ver próximo de trabalho e andar de montanhamento é muito caro)
- u** • Instalar métodos de tratamento e eliminação de lixo, compactos, eficientes e proveitosos.
- v** • Tornar fácil as entradas e as saídas da cidade.
(Os dragões reviram todo o dia todo de passagem no fundo de lá para que os navios cheguem em toda a ocupação da Cidade. Porque é que é tão difícil entrar e sair da Cidade com os comboios, com os carros, com a qual? Uma cidade tem que girar e virar. A vida das cidades é movimento)
- x** • Procurar e encontrar aquilo que a Cidade quer ser — que há-de ser um dia — uma cidade de terras, uma Cidade de plataformas para estar e mirar e de canais para passar, andar e passar.
- z** • Conseguir fazer da Cidade uma cidade de verdade sem perder aquilo que a cidade de caniço tem e que a outra cidade ainda nunca teve — ventade e vida de cidade.

CONTINUARÁ A CIDADE DIVIDIDA, DOENTE, ESQUIZOFRENICA?
CONTINUARÁ A CIDADE TRAÍDA PELA PREGUIÇA, ESTUPIDEZ
E GANANCIA DOS HOMENS, OU COMEÇARÁ AMANHÃ A CIDADE
A SER A CASA DE TODA A GENTE?

agitem-se os vogais

Manual do Vogal Sem Mestre II. *Diário de Notícias*, 1968

pós- 157

João Sousa Morais
Arquitecto, professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
e-mail: vao@mail.telepac.pt